

O domínio psíquico do arquétipo paterno em "Carta ao meu pai", de Kafka e "A terceira margem do rio", de Guimarães Rosa

Sonia Menezes Oxisque

Especialista em Psicanálise e Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



Segundo Luigi Zoja (2005, p.11-13), uma das grandes frustrações de Sigmund Freud, de acordo com Jones, seu principal biógrafo, foi o fato de o pai de Freud ser afrontado e desrespeitado por um alemão e não tomar nenhuma atitude; como em Shakespeare, Rei Lear, o pai perdeu a força e o prestígio. A benevolência do pai de Freud, em relação ao seu 'agressor' alemão, marcou profundamente a vida de Sigmund Freud, um pequeno incidente que modificou o olhar do filho em relação ao pai.

A influência paterna sedimenta o comportamento do adulto, muitas vezes é marcada negativamente pela figura do pai. O adulto consciente ou inconscientemente venera ou repele o pai, que é uma figura social de respeito, e, até mesmo, é comparada a Deus: "O pai Eterno".

O pai pessoal é a representação da lei, da ordem, da força, da identidade social e moral e assemelha-se ao Pai transpessoal, um representante do Si-mesmo. É o pai que interdita o filho em relação à mãe, fazendo com que o desenvolvimento psicológico seja definido. "[...] o que leva o filho a aderir ao arquétipo do Pai não são apenas suas esperanças progressivas e seu amor pela ordem, mas também o temor de ser atingido por cruéis punições (a sonegação da bênção paterna)." (LIMA FILHO, 2002, p. 42).

Os sentimentos confusos e ambíguos, que aparecem e desaparecem ao longo da infância, fazem parte da vida do ser humano; se bem trabalhados não deixarão sequelas, todavia, se o curso normal da infância for perturbado pode resultar em traumas e complexos que repercutirão na vida adulta. O homem é projeção daquilo que os outros esperam que ele seja; pais e tutores desempenham autoridade na vida dos filhos, de alguma forma, predeterminam o filho ao fracasso ou ao sucesso.

Ser pai é "um ato de vontade", não basta ser genitor é necessário que haja uma adoção da criança que será chamada filho(a). "E o que importa mais é ser pai, não genitor. Para ser pai não basta ser genitor, reconhecer o fato natural. É necessário cumprir um ato, mostrar ativamente sua vontade de tornar-se pai daquela criança: exatamente como a adoção corresponde para nós a um ato de vontade." (ZOJA, 2005, p.152).

O escritor Franz Kafka escreveu várias cartas ao pai falando da sua infância, da sua tristeza e de como ele se sentia em relação ao pai, ele nunca as entregou. Ele confiou as cartas a um amigo e pediu que as destruísse após a sua morte. Todavia, alguns anos depois do falecimento de Kafka, o amigo publicou as epístolas com o nome de **Carta a meu pai**.

Analisando Kafka como personagem de sua obra; a busca pelo reconhecimento paterno é "um fato psicológico e cultural; [...] construída e descoberta não pelo ato do nascimento, mas passo a passo, na relação do pai com o filho ao longo da vida." (ZOJA, 2005, p. 23-24)

As marcas deixadas no primeiro instante no menino, no homem e depois nas obras de Kafka, direcionam a criação de suas personagens, conforme o prefácio de Torrieri Guimarães em **Carta a meu pai**: "Do conflito surgido entre eles decorre a fuga, a "evasão" como Kafka a chama, que o arrasta para os caminhos sempre espinhosos da introspecção e na sua figura deformada pela edu-

cação tirânica do pai ele amolda os seus personagens." [sic] (1993).

A relação pai e filho é muito mais forte e profunda do que uma ligação consanguínea, chega a ser uma ligação espiritual. "A ligação do filho com a pessoa que para ele é uma figura paterna tem sempre um caráter espiritual-religioso. O que varia é o caráter do pai: bom e justo, ou terrível e despótico." (LIMA FILHO, 2002, p.140)

As marcas profundas na vida do filho causadas pela ausência física e emocional do pai, a falta de diálogo, um pai ausente, ainda que em casa, promove no filho-personagem sensações e falta de atitudes, que resultam em fracasso e medo. "Eu era uma criança medrosa; [...] mas não posso crer que fosse um menino difícil de lidar, nem que uma palavra amável, um silencioso levar pela mão, um olhar bondoso não pudessem conseguir de mim tudo o que se quisesse." (KAFKA, 1993, p.13)

Ele viveu uma infância carregada de vergonha e humilhação, não conseguiu desprender-se dessa rede de auto-acusações, só guardou-as consigo e depois escreveu sobre o pai; "sua total falta de sensibilidade em relação à dor e à vergonha que podia me infligir com palavras e juízos: era como se você não tivesse a menor noção da sua força." (KAFKA, 1993, p.19)

O filho todo o momento busca a aprovação do pai, ele tenta identificar-se com a força do pai, quando isso acontece a referência é para o pai espiritual e não o carnal: "O ego da criança e a divindade constitui um estado de inflação. Muitas dificuldades psicológicas subsequentes são uma decorrência dos resíduos daquela identificação com a divindade." (EDINGER, 1990, p. 31)

O pai não é simplesmente um homem que forneceu a semente e fecundou um óvulo, ele é visto por Kafka como o Si-mesmo, é o pai espiritual que tem poder para elevar ou reduzir a nada, "[...] em seus aspectos "terríveis", o pai impede, boicota e nega ao filho a potência capaz de libertá-lo de suas amarras." (LIMA FILHO, 2002, p.71)

Em **Carta a meu pai**, Kafka expõe, pergunta e até justifica ao pai tudo o que durante tantos anos nunca lhe foi explicado, por que da atitude brutal do pai para com ele, um garoto, e ainda depois de homem não reconhece a carreira de escritor. "Minha auto-avaliação era muito mais dependente de você do que de qualquer outra coisa, por exemplo de um êxito externo." (1993, p.53)

O eixo ego-Si-mesmo começa a emergir no autor, que experimenta uma alternância do seu ser entre inflação negativa e profunda alienação, esta experiência é direcionada para a personagem pelo ato da escrita. A personalidade "fraca" marcada pela fúria do pai, talvez a única solução, que ele tivesse para mudar a situação, fosse o diálogo, no entanto como escapatória, ele torna-se "calado", "quieto". A impossibilidade do intercâmbio tranquilo teve uma outra consequência na verdade muito natural: "desaprendi a falar. Perdi a confiança nos meus próprios atos. Tornei-me instável, indeciso." (KAFKA, 1993, p.22 e 24)

No conto de Guimarães Rosa, "A terceira margem do rio", o pai não é austero, violento ou brutal, há um pai apático, que resolve viver sobre o rio, porém não vai

para outro lugar, não assume uma atitude de desaparecer, simplesmente ausenta-se da sua casa, deixando sua família sem explicações. O eixo ego-Si-mesmo aparece no filho narrador, que como o pai, tem por característica principal nunca dizer nada e este atributo o liga ao pai e ao rio; ficar calado: “ Só quieto.[...] Nosso pai suspendeu a resposta.[...] Sou o que não foi, o que vai ficar calado.” (GUIMARÃES ROSA, 1967, p. 27 e 32)

Nas duas obras, *Carta a meu pai* e *A terceira margem do rio*, temos os mesmos atributos: “quieto, calado”, todavia, Kafka adquiriu tal característica para não se expor, quem sabe para não ser mais machucado. Já, o filho narrador apossou-se dos mesmos atributos para continuar ligado ao pai, o qual estava ligado ao rio, ou seja, para não se desligar do pai, ele se manteve “calado”.

“O pai não aceita ou rejeita o filho nos mesmos termos que a mãe; em lugar disso, aprova ou reprova-o.” (LIMA FILHO, 2002, p. 82) . Em Kafka é visível o desejo pela aprovação paterna, condição por ele jamais alcançada. O filho narrador não se muda para não se desligar do rio que o ligava ao pai, pois, havia ainda o grande questionamento da infância: *por que o pai fora embora?*

A falsa culpa como chama David Kornifield, a angústia, depressão, a amargura, o medo, a tristeza são características de pessoas que, principalmente durante a infância, receberam uma carga de opressão muito grande sem saber por qual motivo as coisas aconteceram, a criança passa a culpar-se e carrega para a maturidade uma cobrança interna que nunca consegue responder ou satisfazer. Os complexos e angústias gerados, ligam-se ao desejo de aceitação pelo outro e aliado a isto, surge uma tentativa de justificar o pai carnal, assim se evita um confronto direto com a realidade: descobrir a falta de amor do pai pelo filho.

Em Kafka: “De todos os lados eu desembocava na sua culpa.[...] eu perdi a autoconfiança, que foi substituída por uma ilimitada consciência de culpa. [...] desgaste dos nervos provocado pelo medo e pela consciência de culpa.”(1993, p. 30 e 43) O narrador personagem de “A terceira margem do rio”, também expõe sua culpa: “ De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? [...] Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse-se as coisas fossem outras.”” (GUIMARÃES ROSA, 1967, p. 31)

Nas duas obras, aparece a culpa, profunda e avassaladora que foi implantada na infância, tanto da pessoa como da personagem: Franz Kafka queria saber por que ele era tratado de forma tão brutal, sem explicações, sem carinho, tudo o que o pai proibia a ele e aos irmãos, que fizessem, não dava exemplo, fazia exatamente o contrário, Kafka nunca entendeu por que ele era punido por algo que o próprio pai fazia, mas o condenava, e todo o tempo busca uma resposta, para poder expurgar a culpa da alma. O narrador personagem, o filho, também busca respostas para a atitude de um pai que nada falou, deixou a família e nunca mais pisou em terra firme, ainda que ele mesmo diga que, ao pai não queria “malsinar” , ele traz a angústia da dúvida que gera a dor da alma e resulta em medo, fracasso, em falta de atitude.

O abandono do pai perpetua a falta, pois o pai que aprisiona o conhecimento obriga o filho “a carregar sua sombra, isto é, a identificar-se com as projeções de suas falácias, defeitos, inferioridades e temores.” (LIMA FILHO, 2002, p. 75).

O escritor Franz Kafka esteve noivo por duas vezes de uma mesma mulher, Felice Bauer, união que não se realizou, desistiu também de outros noivados, ele nunca casou-se. No primeiro momento fora por causa da implicação do pai, que nunca aprovava suas escolhas, principalmente pela diferença de classe social, mas depois; ele mesmo confessa nunca ter se casado por medo:

Existe uma opinião segundo a qual o medo ao casamento às vezes deriva do temor de que os filhos mais tarde farão a pessoa pagar pelos pecados que cometeu contra os próprios pais.

[...]

Devo contudo, dizer que um filho assim, mudo, apático, seco, arruinado, seria insuportável para mim; se não houvesse nenhuma outra possibilidade, eu sem dúvida fugiria dele, emigraria, como você queria fazer por causa do meu casamento. (KAFKA, 1993, p.65)

Kafka tenta justificar o pai (carnal), pois ele afirma não ter se casado por medo de ter um filho como ele, e ele seria obrigado a fugir de uma figura que fosse parecida. Ele afirma que o pai tem razão “[...] aos poucos você num certo sentido acabou tendo realmente razão.” (KAFKA, 1993, p.25)

Para o filho, o pai é aquele forte e poderoso, que não pode ser contrariado, pois corre o risco de ser devorado. Esse devorar não é pelo pai carnal, e sim, pelo Pai espiritual ou mítico. O excesso de culpa e de angústia mostra uma inflação negativa que transcenderá os limites humanos e tornará o filho um excesso de nada, que na maturidade manifestar-se-á como ‘soma’ das enfermidades.

Em “A terceira margem do rio”, o filho narrador também não se casou, pois o pai precisava dele: “Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, [...]” (GUIMARÃES ROSA, 1967, p. 30-31)

Em ambos os casos, temos personagens profundamente marcados pela amargura e fracasso, os quais não aprenderam a falar, agir ou reagir diante de situações adversas dentro do cotidiano. Kafka, como personagem, não mostra amor próprio, há constantemente uma auto-degeneração do seu ser, ele é um nada, um sujeito alimentado por “restos” e não consegue libertar-se da voz do arquétipo paterno, embora ele atribua tudo ao seu pai carnal: “Quanto mais velho ficava, tanto maior era o material que você podia levantar como prova da minha falta de valor; aos poucos você num certo sentido acabou tendo realmente razão. Previno-me outra vez de afirmar que me tornei assim só por sua causa;[...]” (KAFKA, 1993, p.25)

Nas duas histórias temos relatos bem próximos, ambos queriam ter a aprovação do pai, para quem, de alguma forma, eles dedicaram a vida tentando agradar.

“Esses efeitos representam as consequências destrutivas da identificação com a projeção do si-mesmo de outro. A pessoa fica contaminada pela psique do outro, perde sua relação com seu próprio valor suprapessoal e é importunada pela inflação (tumores ou intumescências).” (EDINGER, 1990, p.135)

Kafka queria ser forte, destemido e amigo do pai, situação que ele nunca alcançou. De alguma forma ele não frustrou as expectativas do pai, pois, se para o pai ele era um fraco, um medroso, ele ia obedecer, assim como obedeceu ao pai não se casando. Há ainda um outro pon-

to, tudo quanto nele parecia ser bom de alguma forma transformava-se, adoecia: “[...] tudo aquilo de que dispunha me espantava como um milagre, por exemplo, minha boa digestão; isso foi o bastante para perdê-la, [...]” As enfermidades que o assolavam eram muitas: “desgaste dos nervos”, “temor por causa da digestão, da queda de cabelos, de um desvio da coluna e assim por diante; [...]” (KAFKA, 1993, p.51-52) Os medos e desconfianças, quanto a sua saúde, transformavam-se em doenças reais. Diante de todos os problemas ele “precisava obter de cada instante uma nova confirmação” de vida, de



existência, que se manifestava em enfermidades, ficando “aberto um caminho para toda hipocondria.” Todas enfermidades eram uma forma de ele confirmar que ainda estava vivo, que não “fora” devorado pelo pai mítico, as enfermidades, para ele, eram apenas um apossar-se daquilo que o pai não lhe podia roubar:

Mas uma vez que eu não estava seguro de coisa alguma, como precisava obter de cada instante uma nova confirmação da minha existência e não possuía nada de um modo próprio, indubitável, exclusivo, decidido apenas por mim – um filho deserdado, na verdade – era natural que até a coisa mais próxima, o próprio corpo, se tornasse incerto para mim; [...]. (KAFKA, 1993, p. 52)

O corpo físico de Kafka acaba acometido por diversas enfermidades, visto que a sua psique há muito foi contaminada pelo Pai Terrível, resta-lhe ainda o seu corpo, o qual acaba sendo submetido à lei da moral: “Além de ser o legado inconsciente do universo materno, o corpo é um todo erotizado [...] Essa qualidade erótica do corpo ameaça o controle paterno que, em represália, o submete à sua moral.” (LIMA FILHO, 2002, p. 67).

O filho narrador, d’ “A terceira margem do rio”, também a todo tempo busca a confirmação paterna, chegando a não se casar, porque o pai necessitava dele. É óbvio que o pai carnal necessitava do filho para prover-se de mantimentos, mas o pai transcendental não. De alguma forma o não se mudar como os outros irmãos fizeram, o não se casar, o não ser nada está diretamente ligado ao pai, não ao pai de responsabilidades sociais, mas ao pai “espiritual” que o mantinha cativo, prisioneiro da loucura do pai carnal. Este filho não conseguiu libertar-se como os outros irmãos fizeram. Só depois do “começo da velhice” do narrador, é que ele pensou ter entendido a vontade do pai: substituí-lo na canoa. De acordo com Edinger, é na [...] “meia-idade em que a porção superior do eixo ego-Si-mesmo começa a emergir na consciência” e esse processo repete-se como um ciclo para diferenciar o ego e o Si-mesmo. (EDINGER, 1990, p. 26)

Após o filho-narrador ir até o rio, cumprir o que ele pensava ser apenas um ritual simbólico chamando o pai como uma última tentativa, no entanto a aparição do pai o assombra e com medo ele foge. Já que, durante todos os anos, ele tentou agradar ao pai e na última oportunidade ele foge, ele precisa se apegar a algo material, ou seja, ao seu próprio corpo, a única coisa que lhe pertence e de alguma forma a única herança do pai e, obedecendo ao ritual de todo neurótico, se o desejo deste, está propenso a se realizar, ele foge para continuar com a sua queixa e desse modo ele adoce: “Sofri o grave frio dos medos, adoeci.” (GUIMARÃES ROSA, 1967, p. 32) A partir desse instante, o “eu” do filho narrador começa a aparecer, mesmo como cobrança, a conjugação do verbo ‘ser’ representada pelo presente – sou – e o pretérito perfeito simples – foi, estabelece uma ambiguidade entre ‘ser’ e ‘ir’: “Sou o que não foi, o que vai ficar calado.”(1967, p.32) No final da vida, o filho narrador conseguiu encontrar a sua identidade: herança do pai transcendental; “...e me depositem também numa canoinha de nada,

nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio adentro-o rio.”[sic], (1967, p.32) Ao descobrir a sua identidade e o ‘sentido da vida’ instaurou-se o processo de individuação; a libertação, a percepção do mundo interior e exterior, que não permite que o ser entre em conflito, pois é o momento em que “o eixo ego-Si-mesmo alcança a consciência, ..., por uma relação dialética [...]” (EDINGER, 1990, p. 26)

Nas duas obras, o pai de cada uma das personagens é uma representação divina tornando-os devedores ao Si-mesmo. Ambos querem agradar e satisfazer ao pai, mas não conseguem, apenas tornam-se a sombra do pai, com todas as debilidades pessoais. Ao entrarem na meia-idade, início do processo de individuação, eles têm oportunidade de se libertarem da sombra paterna, todavia Kafka não consegue, ele desfruta de um sentimento ambíguo entre sentir-se diminuído pelo pai e ao mesmo tempo condená-lo por suas atitudes. O processo de individuação fracassa, pois Kafka se descobre impotente diante do pai. Já, o narrador personagem parece ter entendido o sentido da sua existência; tomar o lugar do pai: “[...] no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio adentro - o rio” (GUIMARÃES ROSA, 1967, p. 32)

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, Michel. **Linguística e Psicanálise**: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

EDINGER, Edward F. **Ego e Arquétipo**: Individuação e Função Religiosa da Psique. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.

GUIMARÃES ROSA, João. **Primeiras Histórias**, 1a. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1962.

_____. **Primeiras Histórias**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1967.

HURDING, Roger F. **A árvore da cura** - Modelos de Aconselhamento e Psicoterapia. São Paulo: Vida Nova, 1985.

KAFKA, Franz. **Carta a meu pai**. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1964.

_____. **Carta a meu pai**. Trad. do alemão e pós-fácio: Modesto Carone. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

KORNFIELD, David. **Introdução à Cura Interior**. São Paulo: Editora Sepal, 1998.

_____. **Aprofundando a Cura Interior** - Volumes 1 e 2. São Paulo: Editora Sepal, 1998.

LIMA FILHO, Alberto Pereira. **O Pai e a Psique**. São Paulo: Paulus, 2002.

ZOJA, Luigi. **O Pai**: História e Psicologia de uma espécie em extinção. São Paulo: Axis Mundi Editora Ltda, 2005.